



ENTREVISTA

Xinran

O GLOBO: O que a levou a escrever o livro "Testemunhas da China"?

XINRAN: A ideia para o livro surgiu numa viagem que eu fiz para a China em 2005, com meu marido, que também é meu agente literário. Ele me perguntou por que, na China, eu sempre me obrigava a conversar com as pessoas idosas, mesmo que não tivéssemos parentesco algum. Eu respondi que precisava falar com aquelas pessoas para aprender sobre a China. Muitos dos arquivos do país foram destruídos pela Revolução Cultural. Por questões políticas, não há informações suficientes nos livros. Desde os anos 1980, eu converso com as pessoas para que elas me ajudem a entender a História. E meu marido disse: "Por que você não escreve um livro?". Minha primeira reação foi dizer "não". Eram histórias contadas somente para mim, eu não sabia se aquelas pessoas queriam tornar isso público, para que seus filhos pudessem ler. Mas meu marido argumentou que um livro como esse poderia preencher algumas das várias lacunas que existem entre as gerações na China, e que eu deveria tentar. Resolvi, então, procurar novamente aquelas pessoas com quem eu tinha conversado, e num primeiro momento 90% delas disseram que não topariam ser entrevistadas para um livro. Levei quase um ano conversando e explicando do que trataria o livro, até que metade concordasse em aparecer.

• Na introdução do livro, a senhora já fala um pouco sobre isso, e deixa uma pergunta no ar: "Por que os chineses acham tão difícil falar com franqueza sobre si mesmos?" Conseguia uma resposta para essa pergunta?

XINRAN: Há algumas razões. A primeira é a nossa cultura. Nós aprendemos que não se deve questionar pessoas mais velhas ou em posição superior a você. Nunca. Além disso, a China foi fundada num sistema de leis muito cruel, instaurado por nosso primeiro imperador, em 230 a.C.. Ele dizia que se uma pessoa agisse fora da lei, três mil de seus parentes deveriam ser mortos. Esse sistema dominou a China até 1912 (ano em que a República da China foi estabelecida). É por isso que, enquanto a Revolução Cultural é vista como uma ação extremamente cruel pelas nações ocidentais, para os chineses das gerações anteriores o comunismo era menos agressivo do que aquilo que prevalecia antes.

• E como a senhora fez para convencer as pessoas a darem depoimentos tão sinceros?

XINRAN: Foi muito difícil. É

bastante complicado fazer com que as pessoas falem para um gravador, mesmo para alguém como eu que já as conhecia e que vinha fazendo entrevistas como aquelas pelos últimos 20 anos. Acho que, em parte, elas confiavam em mim porque acreditavam no meu trabalho. Além disso, eu sou jornalista há bastante tempo. Há alguns procedimentos para que as pessoas confiem mais em você. Eu começava com assuntos sem importância, depois contava um pouco sobre minha própria trajetória, sobre minha paixão pelas tradições familiares e pela história real da China. Não pela história oficial contada pela propaganda do governo ou pelo matriarismo ocidental. Eu explicava que nossa história real poderia ser extremamente valiosa para nossos filhos. As novas gerações da China respeitam muito o que seus pais e avós têm a dizer. Essas crianças têm o direito de saber o que as gerações anteriores fizeram. Explicando isso, eu conseguia que as pessoas falassem para o livro. Mas houve vezes que ainda tive que tirar os entrevistados do seu ambiente natural, afastar da família, até para outras cidades, e insistir por cinco dias para que elas falassem com franqueza.

• Ao ter contato com histórias tão fortes para o livro, como lida com suas próprias lembranças sobre o passado?

XINRAN: Eu já passei dos 50. Em toda a minha vida, nunca tive uma vida familiar comum ao lado dos meus pais e pouco ouvi falar sobre meus avós. Meus pais estão com 80 anos e não falam sobre o passado. A China nunca fala sobre a Revolução Cultural para as gerações mais novas, mesmo que ela tenha terminado há pouco mais de 30 anos. Foi muito difícil me manter distante dos fatos ao lidar com esse tipo de memória. As pessoas me perguntam o porquê de eu não ter estruturado o livro numa linha cronológica da História. Mas eu quis fazer de "As testemunhas da China" um livro mais pessoal, não um livro de História. Para que o leitor pudesse participar da minha jornada pessoal de encontros com os meus entrevistados.

• No Ocidente, fala-se muito da censura na China, o que impedia que jornalistas ou artistas fossem completamente livres em seus trabalhos. Isso é verdade?

XINRAN: É verdade, sim. A censura oficial já prevalecia na China até mesmo antes de o Partido Comunista assumir o poder. O que aconteceu com o comunismo é que a censura foi se tornando cada vez mais rígida. Mas há um outro lado importante, que é a dificuldade de um escritor chinês ser honesto com o seu próprio passado. Isso não acontece apenas com a China. Depois da Se-



Divação/Jerry Bauer

gunda Guerra Mundial, a maioria dos alemães e dos japoneses não conseguiram falar com seus filhos sobre o que havia ocorrido. Isso durou muitos anos. No meu caso, como jornalista, tenho como princípio olhar diretamente para o passado, por mais que seja doloroso. Mas é preciso lembrar que todos os jornalistas e escritores chineses, eu inclusive, também fazem parte da nação chinesa. Não estamos dissociados. Há pessoas que me perguntam o porquê de eu não escrever um livro autobiográfico. E eu digo que ainda não estou pronta para lidar com a dor do meu passado.

• E a literatura chinesa hoje? A maior parte dos livros que chegam ao Brasil lida com temas sociais ou políticos. É apenas disso que a China é feita?

XINRAN: A ideia que o Ocidente tem da sociedade chinesa é baseada nos livros que estão em suas bibliotecas. Mas quantos livros chineses foram publicados na sua língua? Um número muito limitado foi traduzido. Claro que o idioma é uma dificuldade. Mas, além disso, a visão da China na mídia ocidental é muito simplificada. Só se fala do poder político e econômico. E a vida das pessoas? Nós temos uma literatura antiga, uma literatura moderna, romances, poesias. Mas nada disso sai da China. O idioma inglês teve uma expansão internacional muito forte, mas o inglês é uma língua bastante jovem se comparada a idiomas como o chinês, o egípcio ou o Indiano. Mas, como o inglês predominou, toda a cultura ocidental de democracia, de liberdade ou de justiça é inteiramente baseada no que os países de língua inglesa geram. É como se um adolescente quisesse passar a frente de seus avós (risos).

• Então, mudando o ponto de vista: o que a senhora espera encontrar num país como o Brasil?

XINRAN: Eu nunca fui para essa parte do mundo. Mas, mesmo assim, eu amo seu país. Vocês têm um jeito de ser, um jeito brasileiro que encanta o mundo. (A.M.) ■



Festa Literária Internacional de Paraty

RECORTES 2009

Matéria publicada no Prosa & Verso - O Globo - 27.06.2009

Visões antagônicas sobre a China

Ela otimista, ele pessimista, Xinran e Ma Jian remexem no passado recente de um país conturbado, mas que se tornou uma das maiores potências mundiais

André Miranda

Passado menos de um mês do aniversário de 20 anos do Massacre da Praça da Paz Celestial, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) vai receber dois autores chineses, ambos com novos trabalhos chegando às livrarias brasileiras. O jornalista Xinran, a Companhia das Le-

tras lança "Testemunhas da China — Vozes de uma geração silenciosa", obra que reúne relatos de chineses que viveram de perto as mudanças ocorridas no país no último século e que raramente aceitam revelar detalhes de sua trajetória. Já do escritor Ma Jian, a Record publica "Pequim em coma", um romance que parte do massacre para olhar, em tom

crítico, a história recente da China. São dois livros que, em comum, remexem nas marcas deixadas num país conturbado socialmente, mas que representa uma das maiores potências do mundo. "Ma Jian e eu somos amigos, porém temos uma visão muito diferente sobre a China. Ele é muito pessimista em relação ao futuro do país, enquanto eu sou muito oti-

mista. Ele costuma insistir que não devemos nos esquecer do passado. Eu concordo, mas acrescento uma frase: também não devemos viver no passado", diz Xinran que, como o colega, também mora na Inglaterra. Essas duas visões acerca do mesmo país estão bem presentes em entrevistas que os autores chineses concederam ao GLOBO.

ENTREVISTA

Ma Jian

O GLOBO: Em "Pequim em coma", o que o estado de coma que acomete o protagonista Dai Wei representa? É uma metáfora para o estado da sociedade chinesa?

MA JIAN: Representa o estado do povo chinês depois do Massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989. Inelutavelmente após o massacre, o governo tentou apagar o que aconteceu da História. Os líderes estudantis foram presos ou forçados a se exilar. Menções sobre o massacre foram proibidas na mídia ou em livros escolares. Os chineses ficaram entorpecidos pelo medo. Eles foram incentivados pelo governo a se esquecer da política e se concentrar em ganhar dinheiro. Vinte anos depois, eles ainda não foram autorizados a acordar desse coma forçado.

• Onde você estava durante os protestos de 1989?

MA JIAN: Li, na Praça da Paz Celestial. Eu morava em Hong Kong havia um ano, depois de meu primeiro livro ter sido proibido na China. Mas logo que os protestos estudantis começaram, no início de maio de 1989, voltei a Pequim e me juntei ao movimento. Acamei com os estudantes na vanguarda da revolução. Foi apenas aos 20 anos, quando eu trabalhava como fotógrafo em Pequim, que comeci a perceber o quanto nossa geração tinha sido manipulada por Mao, e como a tela de mentiras que ele havia construído ainda nos aprisionava. Parte do meu desejo de se tornar escritor veio da esperança que o meu texto pudesse realinhar a importância daqueles pensamentos que foram destruídos pelas chamas de Mao.

• E como a sociedade chinesa se lembra do massacre?

MA JIAN: Nos últimos vinte anos, todas as menções a 1989 foram banidas. A geração seguinte não sabe quase nada sobre os protestos. Quando sabe, eles acreditam na propaganda governamental, de que o massacre se tratou de um "enredo contrarrevolucionário" que teve de ser desqualificado, a fim de levar a China à atual prosperidade. Mas embora todos os que viveram aqueles dias tenham sido forçados a permanecer em silêncio, eles ainda se lembram do que aconteceu. Alguns indivíduos corajosos, como Ding Zilin, fundadora do grupo Mães da Paz Celestial, lutam por um pedido oficial de desculpa. Já o governo chinês se lembra bem do massacre: a cada aniversário de 4 de Junho, dissidentes são detidos ou colocados sob prisão domiciliar, e a cidade fica inundada de soldados e policiais.

• O que "Pequim em coma" narra de sua própria história? Suas lembranças estão lá?

MA JIAN: O livro não é apenas sobre a Paz Celestial. Ele trata

de muitos outros episódios da história moderna chinesa que o governo tenta apagar. Ele lida, ainda, com a paisagem interior da mente do protagonista. Em essência, este livro é sobre a importância da memória, como ela dá significado à vida. Como eu estava nos protestos, naturalmente as descrições são baseadas em experiências pessoais. Eu me lembro do calor intenso, das chuvas torrenciais, do cheiro de suor e lixo podre, dos ruidosos gritos de protesto. Mas "Pequim em coma" é um romance, uma obra da imaginação e, apesar de o texto ser alimentado pela minha memória, é também separado de mim.

• Você cresceu durante a Revolução Cultural, num momento em que o governo chinês de Mao Tse-tung ordenava a queima pública de livros. Como é para um escritor a lembrança de ver um livro ser queimado?

MA JIAN: Eu me lembro de como, aos 13 anos, mandaram que meus colegas e eu fôssemos para a biblioteca da escola, confisicássemos todos os livros "burgueses" e os queimássemos. Éramos movidos por uma fé cega em Mao. Eu me juntei a uma trupe de artes que apresentava espetáculos de propaganda nas esquinas e gritava slogans maioistas. Era emocionante, nos sentíamos na vanguarda da revolução. Foi apenas aos 20 anos, quando eu trabalhava como fotógrafo em Pequim, que comeci a perceber o quanto nossa geração tinha sido manipulada por Mao, e como a tela de mentiras que ele havia construído ainda nos aprisionava. Parte do meu desejo de se tornar escritor veio da esperança que o meu texto pudesse realinhar a importância daqueles pensamentos que foram destruídos pelas chamas de Mao.

• Como o governo reage à publicação de seus livros?

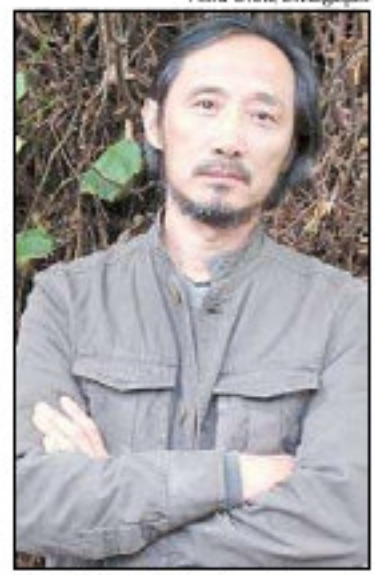
MA JIAN: Meus livros são proibidos na China desde meu primeiro romance, "Stick out your tongue" ("Panha a língua para fora", em tradução livre, inédito no Brasil), de 1987. Ainda me permitem voltar para a China, embora meus movimentos sejam monitorados. O governo sabe sobre meus livros que foram publicados no Ocidente, mas eles provavelmente acham que, já que sou negado a ter uma voz na China, não tenho como causar muitos danos.

• O povo chinês, então, não conhece seu trabalho?

MA JIAN: Há alguns anos, eu me sentia frustrado por não ter leitores na China. Então, após ser preterido por 40 editoras, consegui convencer um editor semi-independente a publicar dois de meus livros, mas alterando meu nome e cortando longas partes. Poucas semanas depois de impressos, no entanto, as autoridades descobriam que eu era o autor e destruíam as cópias. Os jovens chineses, portanto, não sabem nada sobre mim. Já as pessoas por volta dos 40 anos só me conhecem pelo "Stick out your tongue": depois de proibido, estudantes fizeram cópias suas à mão e as venderam no mercado negro. A maioria dos que se lembram desse livro deve acreditar que eu morri ou parei de escrever.

• Você se sente em casa vivendo na Inglaterra?

MA JIAN: Moro em Londres, mas também tenho uma casa em Pequim e passo alguns meses do ano lá, para alimentar minha imaginação. Só que volto a Londres para escrever. Preciso me sentir livre quando encosto a caneta no papel. Fiquem a deriva entre Hong Kong, Europa e China pelos últimos vinte anos, e acho que nunca mais vou conseguir me sentir em casa em qualquer parte do mundo. (A.M.) ■



Flora Drew/Divação

teados com cargos no Partido, salários e viagens ao exterior. O governo já percebeu que esses benefícios são uma forma mais eficaz de controle intelectual do que a prisão. Politicamente, a China tem mais a ver com a Coreia do Norte do que com qualquer democracia ocidental.

• Como o governo reage à publicação de seus livros?

MA JIAN: Meus livros são proibidos na China desde meu primeiro romance, "Stick out your tongue" ("Panha a língua para fora", em tradução livre, inédito no Brasil), de 1987. Ainda me permitem voltar para a China, embora meus movimentos sejam monitorados. O governo sabe sobre meus livros que foram publicados no Ocidente, mas eles provavelmente acham que, já que sou negado a ter uma voz na China, não tenho como causar muitos danos.

• O povo chinês, então, não conhece seu trabalho?

MA JIAN: Há alguns anos, eu me sentia frustrado por não ter leitores na China. Então, após ser preterido por 40 editoras, consegui convencer um editor semi-independente a publicar dois de meus livros, mas alterando meu nome e cortando longas partes. Poucas semanas depois de impressos, no entanto, as autoridades descobriam que eu era o autor e destruíam as cópias. Os jovens chineses, portanto, não sabem nada sobre mim. Já as pessoas por volta dos 40 anos só me conhecem pelo "Stick out your tongue": depois de proibido, estudantes fizeram cópias suas à mão e as venderam no mercado negro. A maioria dos que se lembram desse livro deve acreditar que eu morri ou parei de escrever.

• Você se sente em casa vivendo na Inglaterra?

MA JIAN: Moro em Londres, mas também tenho uma casa em Pequim e passo alguns meses do ano lá, para alimentar minha imaginação. Só que volto a Londres para escrever. Preciso me sentir livre quando encosto a caneta no papel. Fiquem a deriva entre Hong Kong, Europa e China pelos últimos vinte anos, e acho que nunca mais vou conseguir me sentir em casa em qualquer parte do mundo. (A.M.) ■



UMA MANIFESTANTE usa uma máscara em Hong Kong, durante passeata para lembrar os 20 anos do 4 de Junho de 1989, data do Massacre na Praça da Paz Celestial, um dos eventos mais trágicos da história da China contemporânea

Dramas femininos no palco

• Além de participar da mesa "China no divã", a escritora Xinran também já confirmou presença em outro evento que será realizado durante a Flip: a encenação de "Palavras na brisa noturna", espetáculo inspirado em seu livro "As boas mulheres da China" (Companhia das Letras). Escrita e dirigida por Fábio Porchat, a peça fará sua estreia em Paraty nos dias 2, 3 e 4 de julho, às 21h, no teatro do Colégio Cen-

tra, antes de entrar em cartaz no Rio, em 11 de julho, na sede da Cia dos Atores, na Lapa.

A trama é composta de cinco monólogos, encenados pelas atrizes Fernanda Maia, Patrícia Vazquez, Regina Gutman, Pollyanna Rocha e Cris Rudolph. São dramas femininos, num formato semelhante ao do livro — "As boas mulheres...". retine relações aos quais Xinran teve acesso quando era apresentadora de

um programa de rádio na China, intitulado justamente "Palavras na brisa noturna".

— Eu criei novas histórias a partir de cinco passagens do livro. Um texto, por exemplo, fala da morte de uma menina num terremoto do ponto de vista da mãe. Escrevi, então, um monólogo sob o ponto de vista da menina. Na última história ainda coloquei elementos das outras quatro para dar unidade — diz Por-

chat. — Eliminei, também, as referências geográficas e o cenário. Para mim, o mais importante da montagem são as atrizes e o texto, independentemente do lugar.

Uma espécie de coroação para a montagem foi a descoberta de que a autora vinha ao Brasil. — Quando li nos jornais que ela vinha, corri para marcar a apresentação em Paraty e para convidar a Xinran. Felizmente ela topou assistir — conta o diretor.



BRUNO DE LIMA/DIVAÇÃO

PATRICIA VAZQUEZ em "Palavras na brisa noturna"; estreia em Paraty

Panorama de um país e de pessoas dilaceradas pela guerra

Syngué sabour: Pedra-de-paciência, de Atiq Rahimi. Tradução de Filipe Nascimento. Editora Estação Liberdade, 152 páginas. R\$ 30

Elias Fajardo

Certos livros nascem marcados pelos episódios que os originaram ou que os puseram em andamento. Impactado pelo assassinato de sua amiga, o poeta afgão Nadia Anjumman, espancada pelo marido com a complicitade da própria mãe, que a considerava excessivamente liberal para uma mulher casada, o escritor afgão Atiq Rahimi se pôs a escrever "Syngué

sabour: Pedra-de-paciência", livro pungente, que recebeu o prêmio Goncourt de 2008.

Mas as qualidades da obra não podem, como se poderia supor, ser atribuídas a este episódio dramático, até porque não guardam com ele nenhuma relação fática. O livro vale pelo que contém, vale o escrito. Nele, uma mulher vela pelo seu homem paraplégico, que recebeu uma bala na nuca e não mostra nenhum sinal vital, a não ser a respiração. A mulher é uma presença no princípio silenciosa e esquivada junto a ele, numa casa em escombros, no meio de uma cidade dilacerada pela guerra,

num país em que a cultura da violência leva os homens a estarem mais afeitos a abraçar uma metralhadora do que suas próprias esposas e namoradas.

A mulher está sempre ao lado do homem inerte, ele próprio um combatente numa guerra fratricida. Enfiar-lhe a mão na barba, auscultar-lhe o peito, explorá-lo o corpo vazio que, antes, ela nunca ousou tocar. E vai puxando, como um rosário, um fio de confissões tão intensas e dolorosas quanto se possa imaginar numa situação de casal. As duas filhas pequenas são testemunhas involuntárias de uma trama que teria tudo para descair para o melodrama.

Mas que não chega a tanto justamente pela maestria de Atiq Rahimi — autor também de "Ter e cizins" e "As mil casas do sonho e do terror", ambos publicados pela Estação Liberdade no Brasil — que vai destilando as frases como num conta-gotas, ou como o soro que alimenta as veias do homem inconsciente. A economia de linguagem serve para realçar o que a situação descrita tem de inusitado e terrível.

Isso nos faz viajar no poder lancinante das palavras, capaz de erguer castelos no ar, mas também de afiligrinar, incomodar. As pausas e principalmente o ritmo com que este romance é cons-

truído, muitas vezes entremeadado de toques de pura poesia, nos lembram um velho provérbio árabe: "a palavra é de prata, o silêncio é de ouro".

Pessoas de intensa e corajosa humanidade

O silêncio cheio de insinuações que envolve a casa e o monólogo da mulher são cortados por interferências da guerra, por milícias que invadem o quarto e roubam até o Corão, e por personagens que parecem episódios, mas são fundamentais na história. No conturbado território alegria há pessoas de intensa e co-

raçosa humanidade, e uma delas é justamente uma figura secundária de "Syngué sabour": a tia da personagem principal. Trata-se de uma mulher linda e inteligente, que, por circunstâncias de seu casamento, se vê entregue à sanha dos parentes do marido e usa de estratégias para fugir da morte por apedrejamento. A tia é sinônimo de esperteza, de malandragem, e é ela quem ensina à protagonista o caminho das pedras, que envolve mentira, dissimulação e principalmente vontade e desejo de sobreviver que ultrapassam quaisquer fronteiras da moral e do entendimento comum da pessoas.

Há várias leituras possíveis para este romance. Uma delas é encarar-o quase como um roteiro cinematográfico, em que a ação não perde seu pique, por mais que aspectos interiores dos personagens sejam realçados. Justamente deste balanço entre o dentro e o fora é que nasce um dos principais centros de interesse da obra. Outra possibilidade é buscar nela o encanto das narrativas ao pé do fogo, de contos que se sucedem e um vai puxando o outro, como nas mil e uma noites. Nesse sentido, encontramos a história do rei a quem os astrólogos profetizaram que, se tivesse uma

filha, ela desonraria sua corte. O rei manda matar todas as suas filhas meninas, mas lances mirabolantes salvam uma delas. A rainha foge com a filha e funda novo reino, no qual vai, necessariamente, haver um embeate com o rei. A velha que narra esta fábula às netas diz então que a história não tem fim, pois a cada um dos três personagens principais corresponderia um final diferente. E informa, encerrando a discussão, que aquele que conseguiu adivinhar o que aconteceu alcançaria a felicidade.

Não existe felicidade em "Syngué sabour", cujo título também é uma metáfora para uma situa-

ção explosiva, a partir da qual não há entendimento, conciliação ou volta. O que há é o panorama de um país e de criaturas dilaceradas para os quais a escrita pode ter uma função libertadora. Após agradecer por ter sido premiado com o Goncourt, Rahimi, que vive na França, protestou contra a iniciativa do governo francês de expulsar 50 alegados, que seriam enviados de volta a seu país. Seu protesto foi ouvido, a deportação foi suspensa e a perda da paciência pôde continuar rotando e conquistando leitores. Até nova explosão. ■

ELIAS FAJARDO é jornalista



MULHER CARREGA frutas em Jalalabad, no Afeganistão; vida sofrida



O AUTOR NA FLIP

• Atiq Rahimi participará da mesa "O avesso do realismo", com Bernardo Carvalho, na sexta, dia 3, às 11h45m.